

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso
Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
—Officinas de impressão—R. da Ataláia, 134—
Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Tathaba—Lisboa • Telefone: .

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ELEIÇÕES

Sempre que o operariado se movimenta no sentido de obter uma ou outra melhoria, sempre que uma comissão da U. O. N. se apresenta a fazer determinadas reclamações, em nome das classes trabalhadoras, lá parece o remoque de que nos não podemos intitular representantes do operariado porquanto só uma fracção do proletariado está organizada em sindicatos profissionais e deses nem todos deram ainda a sua adesão à U. O. N. Somos pois uma meia dúzia de *meneurs*, de agitadores de profissão, de pescadores de águas turvas que falsamente nos intitulamos representantes das classes trabalhadoras.

E todavia, se é certo que, infelizmente, há ainda bom número de operários que da organização sindical andam afastados—vítimas um deste atávico indiferença da raça, recessos outros das perseguições do patronato e do Estado, ou ainda crenças na eficácia do parlamentarismo para a resolução do problema social—não é menos certo que nenhuma outra organização tem recebido até hoje tão inequívocas provas de solidariedade e de adesão à sua obra, às suas aspirações, aos seus métodos de luta, como a U. O. N.

Não é preciso ir muito longe buscar factos que comprovem esta asserção. Ainda não há quinze dias que a Central dos Sindicatos de Portugal preparou em todo o país uma manifestação de força do operariado. Para mostrar ao governo e às classes dirigentes que a U. O. N. representou, de facto, o povo trabalhador, necessário era que se organizassem, nesse mesmo dia e em todas as terras do país, grandes paradas operárias às quais viessem em massa os trabalhadores afirmar a sua completa identificação com a organização proletária.

De facto assim sucedeu. O dia 1.º de Maio foi de verdadeiro triunfo para a nossa causa. Os mais incrédulos puderam constatar por seus próprios olhos que por detrás da U. O. N. estava realmente a classe trabalhadora. Nas mais pequenas terras da província se celebraram importantes reuniões onde a nossa obra foi delirantemente aclamada. E em Lisboa, apesar da atmosfera propiciada pela greve, a imprensa burguesa tinha criado, apesar da greve dos eléctricos, o acesso ao comício dos moradores dos bairros excêntricos, a verdade é que a parada do 1.º de Maio em Lisboa foi uma verdadeira apoteose. Pelos cálculos mais baixos, aceitando como bom o computo daquela imprensa manifestamente inimiga da organização operária, teriam estado

Pôr do Sol

Lá estavam os três, sentados no pinhal de Silvanas, aguardando a hora em que o sol se devia esconder por detrás daqueles cabeços, lá ao longe.

As duas raparigas tinham levado os trabalhos, como de costume. Luisa contava em voz baixa os pontos do seu crochê, movendo a cabeça, alternadamente, dum e de outro lado. A Madalena ia continuando umas franjas para uma toalha começada naquele verão, propiciadamente, para ter com que se entreter no campo. E a grossa agulha de marfim lá ia furando por entre as malhas já feitas, habilmente manejada pelos seus dedos delgados. Eu, tinha levado um livro para me entreter. Mas lia pouco, em geral. Meia dúzia de linhas forneciam-me uma ideia, um motivo de cogitação, um ponto de partida para os vãos altos da minha imaginação. Depois pousava o livro sobre os joelhos, reclinava a cabeça sobre o rude tronco de pinheiro que me servia de chaise-longue, cruzava os braços devagarinho, e para ali ficava, com o olhar perdido no longe, deixando seguir o espírito através da cavalegada das ideias. O sol ia quasi rascando lá em baixo o dorso da serra. Podia-se olhá-lo de frente que já não nos encandeava a vista. No vale que se estendia a nossos pés as terras começavam tomando uma coloração uniforme. Bandos de pinheiros paravam a meia encosta das montanhas, formando quadrado, hirtos como guerreiros antigos que aguardassem o embate das hostes inimigas.

Uma suavidade imensa se exalava da terra. Tudo em volta respirava uma tranquilidade e uma paz que nos penetrava até ao mais íntimo da nossa alma.

Nem um rumor pelo campo. Os bois recolhiam silenciosos da árdua lavoura, com a consciência de que bem cumprira o seu dever. E ali as aves voltavam aos ninhos mansamente, procurando não perturbar o silêncio augusto daquela hora.

Sentimentos de ódio, espírito de maldade, todas vaidades—as ruínas paíxões que medram nas almas melancólicas—sentia-as eu diluir-se pouco a pouco naquele canto de infinita bondade.

As raparigas pousavam o trabalho, embebedadas na contemplação daquele ponto de azul e de ouro. E, sem uma palavra, sem um comentário, comungavam as nossas almas no mesmo amor pela Terra e pelo Sol, entoando o mesmo cântico a essa natureza que naquele canto nos abrigava das maldades do mundo.

FABRÍCIO

A força do bolxevismo

Um depoimento insuspeito

E' o da publicação inglesa *The New Statesman*, que, no seu número de 12 de Abril, escrevia entre outras coisas: "Para pôr em dúvida a popularidade do movimento Koltchak-Denkik não há necessidade alguma de recorrer a fontes particulares de informação sobre a opinião russa. Há factos gerais de notoriedade pública, acessíveis a todos os que se dão ao trabalho de lhes analisar o alcance.

"Podem-nos acreditarmos que o governo bolchevique é uma tirania por todos detestada, cujo poder se apoia apenas em magros contingentes de leões e chineses, que qualquer intervençãoista ou invasor será recebido de braços abertos, e que toda a Rússia está à espera do 'homem' que restabeleça a ordem e o direito de propriedade. Não faltam provas para mostrar que tais ideias não passam de loucas quimeras, unicamente baseadas no desejo de as ver realizadas. Custa escutar com paciência gente que fala ainda como se o poder de Lênine se assentasse sobre a sua guarda pessoal de leões e chineses. E' sabido que o exército vermelho se compõe de cerca de um milhão de homens, na maioria camponeses. Poderia acaso ser dirigido por alguns milhares de chineses e leões?

"Admitindo mesmo que a maioria dos aliados do sejam por causa do rancho, e porque razão consentem em bater-se? Porque se acham em perigo as nossas tropas de Archangel? Um exército de um milhão de homens é o exército nacional. Porque não depõe ele o governo bolchevique? Porque combate ele Denkik no sul, obrigando-o a pedir socorro? Porque foi à Ucrânia invadida em poucas semanas, após a saída das tropas alemãs? Porque falharam de todo os nossos esforços para atrair voluntários russos a Archangel? Porque é que o correspondente do *Times* na Múrmânia fala (5 de Abril) do desenvolvimento das 'tendências bolchevistas' nos próprios lugares ocupados pelas forças libertadoras dos Aliados?

"Pois não salta aos olhos que a força do governo bolchevique tam difamado provém dos sentimentos nacionalistas e democráticos despertados pela intervenção estrangeira de um lado e pela agitação reacção de Denkik e Koltchak do outro? Em suma, a política do bloco é uma política que, sem oferecer a menor perspectiva de êxito, proporciona ao bolxevismo as condições essenciais da sua conservação. Deixa subsistir a paz e a miséria e agrupa em torno do governo de facto todos os sentimentos nacionais e revolucionários da Rússia."

Os movimentos operários

O que se tem passado nos últimos dias com os movimentos operários é simplesmente vergonhoso e revoltante. A forma digna e serena com o operariado se tem conduzido, tem correspondido o governo com provocações, com aparatos de força e com irritantes atitudes, procurando por todas as formas obter um pretexto para intervir brutalmente e para exercer uma severa repressão. O apregoado regime de democracia, com que tanto se barafustou depois dos acontecimentos de Monsanto e do Porto, transfigurou-se no regime da caserna. Era dos livros.

Nunca nos iludimos a esse a esse respeito, porque sempre mantivemos a convicção, que todos os governos burgueses, seja qual for o seu rótulo político, em se tratando de questões de movimentos operários, obram da mesma forma e empregam os mesmos processos de vexames e de repressões. Neste ponto nunca distinguimos um governo pseudo radical de um governo conservador. Há em vista o que se tem passado no nosso país, quer no tempo da monarquia, quer agora, em plena república, pois que eles acima de tudo são lididos defensores do sistema capitalista e da propriedade individual.

Nos tempos que vão correndo o conservantismo e o reacçãonismo dos governos ainda é maior, posto que na mais simples manifestação operária vêm o perigo bolchevista. O terror apressou-se da burguesia. O medo do bolxevismo é o seu sonho mau. Por todos os lados vê surgir o papão da revolução bolchevista, derrubá-la do seu poderio e a arrancar-lhe as unhas adunadas com a ditadura revolucionária do proletariado.

A burguesia recorre, pois, a todos os meios violentos, a todas as calúnias, a todas as cabalas, a todas as intrigas para se defender.

As vibrantes manifestações do 1.º de Maio no nosso país causaram-lhe apavorado espanto, porque viu nelas a grandiosa força crescente do operariado organizado, a sua rebeldia consciente de revolta contra as injustiças sociais e a sua firme convicção de que marcha a largas avançadas para o regime socialista, o tal bolxevismo. Depois do surgir das greves, pugnando por mais que justas reivindicações, ainda mais a excitou. Perdeu a cabeça. Despiu o *travesti* de pseudo liberalismo e envergou o *dolman* caserneiro, muito do seu agrado, afirmando para a rua com a força armada, fazendo percorrer a cidade, em mortífera ameaça, camions com metralhadoras e escondendo pelas esquinas e pelos becos esquadrões de cavalaria.

A toda esta mavórtica a titude, respondeu, porém, o operariado com a máxima serenidade e calma. Sobre ter calma é, de resto também, uma grande

Prisões arbitrárias

Detidos por delitos insignificantes, continuam na Torre de S. Julião da Barra e a bordo do 'Almirante Reis': alguns operários...

A Rússia tem a fortaleza de S. Pedro e S. Paulo; a França monarquia teve a Bastilha, a França burguesa, Cayenna; a Espanha, Montjuich. Em todos os países há cárceres com nomes sinistros, encharcados em sangue, que fazem estremecer de pavor. Portugal não podia fugir à regra. A entrada do Tejo, construída sobre um escolho, defrontando o Oceano, quasi que desligada da terra—como se os homens se sentissem envergoados da sua obra de ódio e opressão—ergue-se a Torre de S. Julião da Barra, velha defesa marítima da cidade, a que os progressos da arte de fazer a guerra tiraram todo o valor bélico, e que os progressos da arte de fazer a guerra tiraram todo o valor bélico, e que os progressos da arte de fazer a guerra tiraram todo o valor bélico.

Pois bem, De esperar seria que os actuais governantes, compreendendo o resultado contraproducente que os seus antecessores haviam colhido de tão desumano proceder, deliberassem mudar de processos, condenando definitivamente não só S. Julião da Barra, como todos os infectos cárceres que existem no país. Mas não. Por leves delitos, casos insignificantes, encontram-se em S. Julião os seguintes operários:

João Marques, cabouqueiro, preso no dia 5 por distribuir manifestos dos operários municipais; Faria Artur, condutor dos eléctricos, ignora o motivo da prisão, supondo que fosse capturado devido a ser grévista; José Garrido, condutor dos eléctricos, por ser grévista; Mário Santos, operário municipal, por trazer consigo o folheto *Rússia nova*; Eugénio Pedro Rodrigues, preso e agredido por motivo da greve dos eléctricos; Delfim Gonçalves Dinis, por contestar o laquê de incendiários aos elementos da U. O. N.; Júlio António Maria Bernardino, por ser portador de um manifesto do *Soviet de Propaganda Social*; José Maria Barradas, operário municipal, por ser grévista; Bernardino Saravia Reioles, por ser portador de um manifesto da Juventude Socialista; António Pedro, operário municipal, por ser grévista; Nicolau da Silva, de 18 anos, por distribuir manifestos dos operários municipais; Jaime Martins de Almeida e Raul Gomes, por motivo da greve dos eléctricos.

Além destes, outros operários se encontram ali presos, alguns deles das classes do município e dos eléctricos, dos quais ignoramos os nomes.

Em toda esta lista não encontramos um único camarada que, perante o Código Penal, pudesse ser preso e, muito menos, arremessado para S. Julião da Barra. Fazer greve, distribuir manifestos corporativos, trazer um folheto n'algebrista... eis os grandes delitos! E no entanto, esses camaradas continuam presos, nenhuma autoridade pensa, já não dizemos em libertá-los, mas pelo menos, em determinar o seu crime perante a lei.

Hoje, como ontem, os oprimidos da véspera, acossados nas suas residências como feras, espiados na sombra pelos lacraus, espancados a meude, praticam indênticas violências. Mudem de processos! E' necessário que se esclareça a situação dos presos por questões sociais que se encontram na Torre, e também a dos camaradas Joaquim Gonçalves, operário gráfico, e António J. A. Barreiros, electricista, que, entre outros, estão presos a bordo do *Almirante Reis*.

NOTAS & COMENTARIOS

Defesa social

No *Diário de Notícias* reclama um senhor A. Rodrigues a aplicação da lei 13 de Fevereiro, nada menos, aos que tinham ideias bolchevistas. O senhor Rodrigues percebeu naturalmente tanto de bolxevismo como de lagares de azulejo, e ninguém tem ainda a caridade de explicar-lhe que por bolxevismo se entende um sistema socialista vulgar, aliás dos menos radicais e dos mais temporizadores com os vícios e defeitos das sociedades capitalistas. O programa daqueles socialistas que ao parlamento enviam agora os seus representantes excede em muito o regime implantado na Rússia no que respeita a transformação social. O senhor Rodrigues, desconhecendo de tudo isso, terá ficado aterrorizado com as notícias frequentes da imprensa. Há palavras-papéis, vocábulos de pôr os cabelos em pé ao mais rodigues do mundo. E o bolxevismo é, pelos vistos, um termo pavoroso e apavorante. Por isso o senhor Rodrigues pede a lei 13 de Fevereiro como quem vai de caminho. Ora deixe-se de ilusões o senhor Rodrigues e mude lá de ceroulas...

Regresso à terra

Os jornais referiram há tempos que Petrogrado e Moscova se despojavam, por efeito dos horrores do bolxevismo. Isto responde Martens, representante dos Soviets russos nos Estados Unidos, seguinte (*New Solidarity*, 2 de Abril): "Petrogrado perdeu população, mas não tanta como se tem dito. Em vez de 10%, como dizem alguns, a perda foi de 30% aproximadamente. Faltando o

Uma série de conferências

Um grupo de dedicados amigos de *A Batalha* está na intenção de promover uma série de conferências sobre assuntos científicos, económicos, sociais e pedagógicos. Tais conferências terão o duplo fim de instruir e educar a classe operária, bem como o de trazerem, por uma forma assás interessante, um novo auxílio à expansão de *A Batalha*, que continua merecendo a mais decidida simpatia, não só daquele grupo de amigos, mas também do proletariado em geral.

As conferências devem efectuar-se num dos melhores salões da capital e as respectivas entradas serão pagas, mas por uma importância módica, a fim de que todos a elas possam assistir.

Informamos-nos aqueles nossos amigos que a sua iniciativa deram já a aquiescência do seu nome alguns homens de ciência, notáveis sociólogos e professores, indo agora dirigir-se a outros, dos quais esperam a sua proveitosa colaboração a empreendimento tam simpático.

A invasão na Hungria

Com o crime de assassinato cometido contra a Hungria socialista ficou patente a hipocrisia dos governos burgueses.

"Os húngaros—escrevia o *Daily Herald*, de Londres—foram apanhados de surpresa. Tinham considerado a missão do general Smuts como prova de que os Aliados queriam a paz.

"Hoje, sem o menor aviso, é desencadeada contra eles uma guerra de brutal agressão. E' a guerra exigida pela nossa imprensa patriótica. E' uma guerra sem o menor pretexto.

"Não há questão de fronteiras. E' um golpe deliberadamente vibrado na República socialista.

"Não houve provocação. O governo dos Soviets da Hungria não repudiou empréstimos nem confiscou bens de estrangeiros. A sua tarefa, realizada com êxito e no meio da maior calma, consistiu em organizar o país segundo os princípios socialistas.

Isto é: faltavam até os miseráveis pretextos invocados contra a Rússia socialista. A Hungria tem melhores condições do que a Rússia para a realização do socialismo. A revolução inclinou-se sem violência e sem violência prosseguiu. Viu-se agora o valor dos motivos, aliás infamemente exagerados, da intervenção na Rússia.

"Hoje depois da viagem do general Franchet de Espèrey a Bucarest que às tropas romenas se ordenou retomarem a ofensiva, suspensa por ocasião da missão do general Smuts. Este depoimento é do *Temps*—indiscutível, pois.

Bem o dizia Bela Kun: «A Hungria é votada pela *Entente* a sofrer o destino da Comunha de Paris».

E tanto se clamou contra a invasão da Bélgica! Foi a vingança desse crime que os paladinos imperialistas, rivais de outro imperialismo, inscreveram no seu escudo, ao entrar na Liga!

Mas, afinal, de que lhes servirá o crime?

De tanto como à Alemanha kaiserista a invasão da Bélgica

As greves

Continuam em luta os operários alfaiates —Greve parcial dos estuadores — Outros operários em luta

Operários do Município

Os operários do município retomaram ontem efectivamente o trabalho.

Em harmonia com a moção aprovada na última assembleia dos operários municipais, acha-se constituída a comissão de arbitragem sobre as reclamações.

Tendo os delegados operários conhecimento de que se encontram ainda camaradas suspensos do serviço, uns, e presos outros, por motivo da greve, resolveram, quanto aos primeiros, promover a sua rápida reintegração, para o que já encetaram *démarches*. Quanto aos segundos, resolveram os mesmos delegados entregar esse assunto à comissão administrativa da U. O. N.

Consideram ainda os delegados que as reintegrações constituem a base sobre a qual se assentará todo o qualquer trabalho que a comissão venha a realizar.

Greve de metalúrgicos

Estão em greve, desde ontem, os operários metalúrgicos das oficinas Pires, na Mouraria e Rua 24 de Julho. Há três semanas pediram aqueles camaradas aumento de 50% e 30%, respectivamente, nos salários inferiores e superiores a 1340, tendo o citado industrial conservado o maior mutismo perante essas reclamações. Esse mutismo foi quebrado pelos seus operários, que ontem se declararam em greve, provocando da parte do sr. Pires, uma proposta de *deirrisórios* aumentos de salário, com categorias estabelecidas entre o pessoal. Em face desta proposta, os nossos camaradas resolveram continuar em greve, até serem satisfeitos as suas reclamações, tendo vindo à nossa redacção uma numerosa comissão que, expondo-nos o caso, pede para avisarmos todos os metalúrgicos que ninguém deve ir prestar serviços naquelas oficinas, enquanto durar a greve.

Estuadores em greve

Em virtude do empreiteiro de estuador, sr. Domingos de Oliveira, não ter accedido às reclamações que lhe fizeram os seus operários, declararam-se estes, ontem, em greve, pedindo a todos os seus camaradas que não vão trabalhar sob as ordens daquele senhor, procedendo assim mais dignamente que

Os amigos de "A Batalha"

Recebemos de Joaquim Maria Vasques e Oscar Ferreira a quantia de \$10, produto de uma quete, aberta em Cam-polide, em auxílio de *A Batalha*.

—Do camarada J. A. Ferreira, de Vi-dago, também recebemos \$26.

—Recebemos do nosso amigo José da Silva Baía, \$50 para auxílio do nosso diário.

—Na assembleia magna dos ferroviários da C. P., realizada na Costa do Castelo em 27 de Abril, foi aberta uma quete para *A Batalha*, que rendeu 13400, quantia que foi entregue na administração deste jornal.

O REGRESSO DA GUERRA



O problema económico

Universal e geralmente considerado, sob os seus múltiplos e diversificados aspectos este problema, hoje em dia, e mais do que nunca, é uma tal transcendência e de uma tal grande complexidade de que não há super-homem que o resolva como seria para desear e até mesmo um super-Deus, se o houvesse, não poderia e saberia resolver o problema de pronto a não ser que reunisse todo o existente, criando um novo Eden sem o fruto proibido e a serpente tentadora, cuja perdição desgraçou o nosso pai Adão, no dizer dos livros sagrados.

O sr. Ginstal Machado, no seu editorial de ontem no jornal *A Luta*, afirma que para as nações da Europa, grandes e pequenas, todo o segredo do sobredito problema, está, no momento actual, em saberem as ditas nações encontrar a maneira prática de nacionalizar o capital e o trabalho, no tanto em relação à sua origem, mas, principalmente, quanto à sua aplicação, concluiu por dizer que «o problema económico dum país, por urgente que seja — e é — encontrar a solução, separando-o completamente do problema político, é disparate igual ao de se querer, por exemplo, resolver um sistema de equações, teimando-se em ignorar a teoria dos sinais».

A opinião, em editorial, também de ontem, abordando o mesmo problema, se bem que por uma forma mais vaga ou menos directa, diz que «o trabalho define, porque, não sendo ele certo e produtivo, ninguém se quer responsabilizar por ele, para não ficar a pedir esmola», e mesmo porque ninguém se presta de bom grado ao seu trabalho-martírio.

E' certo, indiscutível mesmo, que para ganhar devemos todos trabalhar, produzir, valorizar, a nossa produção, mas também é certo que ninguém pode trabalhar bem e bem viver sem comer bem, a tempo e horas e sem possuir as comodidades e o conforto indispensáveis.

Primeiro come-se. Já na vida inter-uterina os animais se alimentam e a primeira coisa que, sem excepção, todos eles fazem é procurar o seu alimento.

De maneira que, para encurtar razões e responder, dalguma forma, aos dois artigos a que me refiro no princípio deste, hei de dizer que o problema económico não se resolve nem poderá resolver, em tempo algum e de maneira alguma, por meio do emprego da força bruta, a cutelada, a tiro ou sob pressão das grades e ferrolhos prisionais, nem tampouco pelo emprego de falsidades, intrigas e calúnias gratuitas, com a sociedade aprovada, sem motivo nem razão para isso, além do interesse de pescar nas águas turvas do seu pavão.

Quem quiser resolver esse problema tem que fazê-lo com o cérebro e com o coração; tem que moldar em novos moldes uma nova prática ou organização social, firmando-a na apropriação dos bens naturais e dos instrumentos de trabalho que pertencem a todos, de direito, partilhando, de facto, a um limitado número de pessoas, apropriação que não pode nem deve retardar-se, a fim de beneficiar a comunidade de maneira tal que todo e qualquer privilégio deixe de existir, sem o que não poderá evitar-se ou impedir-se que os zangãos que não produzem continuem devorando a maior parte do melhor mel da colmeia.

Essa colmeia de que depende, em absoluto, o engrandecimento das nações, a felicidade dos povos e o bom sucesso da acção governativa, em matéria de boa administração pública, só pela razão e pela justiça poderá realizar-se, mas nunca e em circunstância alguma poderá produzir-se pelos meios coercivos, arbitrários, tirânicos e despóticos e só de molde a provocar uma reacção proporcional, perfeitamente justificada, mas conducente a desordem, ao desmoronamento, à perda completa da sociedade e do edifício social, perdidos os seus pilares e os seus alicerces, perdidos os seus sinais, a fim de bem patentes, estão, para a solução do problema económico como a teoria dos sinais algébricos para a solução de qualquer sistema de equações.

9 de Maio de 1919.

José BENEDY

PRO DOMO

A solidariedade da organização operária

Certos estavam nós, ao lançar *A Batalha* que o nosso audacioso cometido seria francamente secundado pelo proletariado, que em *A Batalha* tem tido e continuará tendo um defensor intemerato.

Compreendendo a necessidade da manutenção deste seu órgão na imprensa, accorrem diariamente a este jornal camaradas e amigos a afirmarem-nos a sua solidariedade moral e material, com essa solidariedade contando nós inviolavelmente para os progressos introduzidos em *A Batalha* novos progressos juntarmos.

Não tem sido as associações operárias as que menos tem contribuído para o desenvolvimento deste jornal, e a prova-lhe está o facto de continuarmos a adquirir acções de *A Batalha*, esperando nós que as que ainda não fizeram não deixarão de trazer-nos o seu apoio material a esta obra proletariana.

Continuamos hoje a dar à estampa a relação dos organismos operários que tem cumprido o seu dever.

Colectividades	Quantidade
Transporte	515
88—União Empregados Com. Porto	5
89—Aparelhadores, Encarregados e Arvorados	5
90—Sec. da Const. Civil de Belém	20
91—Oper. dos Tecidos de Seda	5
92—Curtidores e Surradores	5
93—Corticeiros do Castelo Branco	5
94—Sindicato do Pessoal dos Caminhos F. Portugueses	105
95—Exterior, e Fund. de Tipo	2
96—Operários da Indústria de Carvão	5
97—Trabalh. Rurais de Évora	5
98—Estadistas do Porto de Lisboa	10
99—Operários Marceneiros	10
100—Rurais de Penedo Gordo	1
101—Pessoal Assinantes do Dep. Central do Parlamento	5
102—Operários Afiliados	5
Total	702

MACRUBIA

Deu entrada na Macrúbia o cadáver de Maria Marquesa, de 70 anos, natural da Moita, que faleceu na residência travessa da República, 1.º andar, 2.ª habitação.

VIDA SINDICAL

U. O. N.

A reunião do Conselho Central, que estava marcada para hoje, foi adiada para o dia 20 do corrente.

Amanhã reúne a comissão administrativa, devendo reunir depois de amanhã a comissão de Inquérito nomeada em reunião do Conselho Central, com a assistência do advogado do Conselho Jurídico.

Não tendo correspondido ao convite que lhe foi feito para comparecer ontem perante a comissão administrativa, é convidado a comparecer hoje, às 21 horas, o delegado Alexandre Rosado.

COMUNICAÇÕES

Federação Corticeira.—Reuniu-se o organismo para tratar de assuntos que se relacionam com o último movimento da classe. Leu-se diversos documentos em que nos era comunicada a vitória alcançada. De Sines comunicam-nos que os industriais estavam na disposição de não reabrir as fábricas sem que a Associação Industrial lhes comunicasse as deliberações tomadas entre esse organismo e a Federação. Depois o delegado do Seixal explica que a entrevista com o sr. Bicaner ficou assente que ao pessoal de Sines seria dado o mesmo que ao pessoal daquela localidade, isto é, que não retiraria o aumento ultimamente concedido. Mais comunicou este delegado que a secção que representa está na disposição de auxiliar a Federação na medida das suas forças. Resolveram-se, por fim, assuntos de organização, tratando-se da situação que os profissionais atravessam. Ficou assente que este organismo reúna no próximo domingo.

Conselho Técnico da Federação da Construção Civil.—Foi ouvida a comissão que convidou o sr. Adão Bermudes a tomar a direcção de dois pavilhões que vão ser construídos na nova Escola Normal de Lisboa, em Benfica, e que este organismo tomou de empreitada. Ainda se nomeou uma comissão a que se agregará um delegado da Federação, que irá entrevistar os ministros da guerra e o do trabalho.

Manufaturas de Calçado.—A comissão do horário de trabalho e aumento de salário, enviou ontem as respectivas circulares e tabelas a todos os industriais. É possível que, por lapso, algum industrial a não as recebeu, pelo que a referida comissão pede aos operários de todas as casas que desde já averiguem se todos as receberam ou não, e no caso de algum ter faltado, apresentem-se todas as noites das 21 às 22 horas, na sede da Associação a reclamar a tabela para a entregarem ao industrial que faltar.

Sindicato ferroviário.—O Sindicato Ferroviário compreendendo a enorme injustiça que os plenipotenciários à Conferência da Paz pretendem fazer a Portugal e tendo em vista o inapreciável sacrifício que esta pequena nação votou a causa dos aliados resolveu protestar bem alto a sua indignação por esse facto, levantar o seu grito de alarme às organizações operárias e convidar a secundar este movimento com toda a energia e veemência.

Nesta conformidade resolveu-se enviar este protesto à Confederação Geral do Trabalho e à Federação des Travailleurs des Chemins de Fer, com as quais este Sindicato mantém relações amistosas.

A fim de auxiliar a comissão de inquérito nomeada pela C. P. para investigar sobre as negociações com lenhas e torrefacções de vagões, os corpos gerentes do Sindicato convidam todos quantos possam elucidar esse inquérito a enviar os seus informes para a sede do Sindicato, rua do Arco Marquês do Alentejo, 30, 2.º, a fim de juntar aos que já tem.

A comissão de melhoramentos avistados há hoje com o ministro dos abastecimentos, a fim de providenciar para que a mesma seja chamada pela Companhia para tratarem das reclamações de carácter moral.

Pintores da Construção Civil.—Na assembleia geral de ontem apreciaram-se os projectos da caixa de Solidariedade Humana e Bolsa de Trabalho, sendo aprovados após vários camaradas terem usado da palavra.

Foi deliberado concorrer com 3500, para a cossinha comunista dos camaradas cesteiros.

Operários Chapelheiros.—Reuniu-se ontem a assembleia geral para leitura da circular a enviar aos industriais, solicitando-lhes o estabelecimento do salário mínimo e abolição do trabalho por empreitada, substituindo-o pelo sistema do j. m. l. Ficou resolvido começar hoje a sua distribuição.

A assembleia deliberou tornar público o seu recente protesto contra os actos canibalescos praticados nas pessoas de honestos trabalhadores do Vale de Santarém e também contra os últimos atentados incendiários, e manifestou a sua repulsa contra as impensadas medidas governamentais, assando ao operário organizado responsabilidades de actos que não cometeu e que só a elementos conservadores e reaccionários poderiam aproveitar.

União dos Empregados no Comércio de Lisboa.—A direcção apreciou os trabalhos realizados pelos seus delegados à grande reunião magna da classe, resolvendo reiterar-lhe a sua confiança, para prosseguirem com os delegados das associações congêneres na elaboração do regulamento da lei das oito horas de trabalho, regulamento que vai ser entregue ao ministro do trabalho.

Também resolveu enviar para o tribunal diversas autoações feitas a comerciantes que não respeitam a lei do horário de trabalho, e do descanso semanal.

Encadernadores e Anexos.—A direcção resolveu convidar todos os colegas que devem dinheiro à Associação, a liquidar os seus débitos até ao dia 17 de junho, sendo, caso contrário, enviados ao poder judicial. Foi resolvido convocar para o dia 14 uma assembleia especial dos camaradas pautadores, para se tomarem resoluções sobre a sua situação perante o convénio de trabalho que vai ser apresentado aos industriais. A Associação continuou com 2500 para

os camaradas cesteiros que estão em greve.

Fabricantes de Cal.—A comissão de melhoramentos avistou-se com o secretário do ministro do trabalho, comunicando-lhe as decisões da assembleia ontem realizada e encerrando a moção nessa sessão aprovada. Foi resolvido que se apresentassem os industriais que ainda não deram o aumento de salário, devendo o resultado desses trabalhos ser entregue à comissão, amanhã, a fim da assembleia apreciar e resolver, sobre o assunto. A classe encontra-se na melhor disposição, e em especial o pessoal da casa F. H. de Oliveira, indo ser distribuído um manifesto ao operariado e ao povo de Lisboa, reunindo hoje na secção da Construção Civil do Alto da cidade, fazendo-se representar esse Associação.

Na sessão, que se conservou animada e bastante concorrida, falaram vários camaradas e entre estes alguns do Alto da Pinha. A classe encontra-se em sessão permanente, continuando as comissões de vigilância os seus trabalhos.

CONVOCAÇÕES

Secção da Construção Civil do Alto da Pinha.—Reúne hoje, na Secção das Associações da Construção Civil do Alto da Pinha, todos os caboqueiros e trabalhadores de pedreiras, arieiros e desastrosos, aos quais a comissão de melhoramentos de salário dará conta das suas demarches junto dos industriais. Resolver-se há igualmente, qual o caminho a seguir em face das respostas obtidas.

Músicos Portugueses.—A Associação dos Músicos Portugueses convidou todos os membros da classe musical, quer filiados quer não, a reunirem na sua sede amanhã, pelas 14 h 12 horas, a fim de assentarem-se nas novas tabelas de preços, visto com as actuais, que são as mesmas de antes da guerra, ser impossível fazer face às mais simples exigências da vida.

Empregados Menores das Escolas Primárias Officiais.—Reúne hoje de amanhã, pelas 13 horas, a assembleia geral.

Sindicato Unico das Classes Metalúrgicas.—Pelas 21 horas, reúne hoje o conselho técnico e de melhoramentos deste sindicato, para tratar de assuntos de alta importância e que se relacionam com as circulares reclamando o salário mínimo que este sindicato distribuiu pelos industriais.

Canteiros e Polidores de Móveis.—Reúne hoje, pelas 20 horas, esta classe, em assembleia magna, para tratar do aumento de salário dos camaradas das oficinas e obras particulares.

Cerâmicos e Artes Correlativas.—Reúne hoje, pelas 21 horas, para apreciar as reclamações da classe, que consistem no aumento de salário e dia normal de 8 horas de trabalho.

Nesta reunião apreciar-se há também o movimento grevista dos operários de louça de Sacavém, por cuja vitória se fazem votos.

Empregados de Farmácia.—Para apreciação da lei das 8 horas de trabalho reúne hoje, pelas 21,30 horas, em assembleia magna, esta classe.

Comissão Inter-Sindical da Construção Civil.—A comissão de aumento de salário deste organismo reúne hoje pelas 21 horas.

Ateneu Popular

A visita de estudo ao Museu do Carmo

Realizou-se a visita de estudo do Ateneu Popular ao Museu Arqueológico do Carmo, há 14 horas quando o sr. Nogueira de Brito, da Associação dos Arqueólogos, iniciou a sua palestra elucidativa desta visita, com o intuito de proporcionar ao conhecimento do Carmo, passando em revista a acção dos carmelitas, nas suas produções literárias e biográficas. Histórias os factos mais notáveis dos séculos XIV e XV, traçando o perfil do conde de Valente Nuno Álvares Pereira.

Apreciação arquitectónica e a Igreja do Carmo, de estilo gótico, estabelecendo as diferenças que caracterizam os estilos românico, gótico e renascença, citando os exemplares mais notáveis existentes no país. Depois de encerrar o valor do Museu do Carmo, deteve-se na apreciação dos monumentos tumulares neolíticos, aludindo a propósito ao gótico na epigrafia e nos documentos bibliográficos.

Salientou a importância que, em Portugal, tiveram os trabalhos de arte monumental, ficando a evolução dos azulejos, que os carmelitas imprimiram nas suas construções, posto em jogo as combinações das cores empregadas na sua composição. Por último, aludindo às civilizações primitivas, apreciou alguns objectos existentes no Museu, e que denotam as condições de vida dessas gerações remotas.

A visita, que durou aproximadamente duas horas, concorreu algumas dezenas de sócios do Ateneu Popular, contando-se entre eles muitas senhoras.

FEIRA DE SANTOS

Em conformidade com a resolução da Comissão Administrativa, a Associação de Feiras de Santos deve inaugurar-se na próxima quarta-feira, às 16 horas. A feira este ano apresenta melhor aspecto do que nos anos anteriores.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo do 1.º bairro.—Este núcleo convidou todos os jovens associados a comparecer hoje à assembleia geral, que reúne pelas 21 horas.

A indústria da pesca

SETUBAL, 12.—T.—A classe marítima de Setubal, tendo lido no *Século* de hoje um resumo do decreto sobre a indústria da pesca, vai protestar contra tal decreto. —A direcção da Associação dos Trabalhadores do Mar.

Soviet de Propaganda Social

São convocados para hoje todos os camaradas das comissões instaladoras a fim de se acordar na redacção definitiva do estatuto e sua publicação imediata. Pede-se a comparencia de todos.

Desordem

No Banco do Hospital de S. José, foram pensados Antonio Pedro Duarte Quintas, 35 anos, trabalhador, residente na rua Damasmon Monteiro, 21, re. e Eduardo Santos, 25 anos, fanteiro, residente na mesma rua, 33, hoje, que na cadeia dos Barbados se envolveram em assedem com outros indivíduos que dizem não conhecer e não sabem, ficando feridos com facadas na face.

Sindicância à polícia de Lisboa.—O juiz dr. Silveira Costa Santos pediu a demissão de presidente da comissão de sindicância criminal, e esteve em viagem de tempo disponível e de saúde.

A favor de "A Batalha"

Reina grande entusiasmo pelo passeio fluvial que um grupo de camaradas e amigos deste jornal está organizando

A iniciativa de um grupo de camaradas e amigos deste jornal, de organizar um passeio fluvial a Vila Franca de Xira, foi acolhida com grande entusiasmo no meio operário, onde se vê com grande simpatia tal festa, de que resultarão recursos pecuniários que muito auxiliarão a expansão de *A Batalha*. A prova desse entusiasmo, está o grande número de pedidos de bilhetes que a comissão organizadora tem recebido, o que faz prever a necessidade de no passeio tomar parte mais de um barco. Foram também registadas ofertas de embarcações, estando a classe dos catraeiros empenhada em revestir o passeio fluvial a Vila Franca de Xira, de grande brilhantismo.

A comissão organizadora reúne hoje, a fim de deliberar sobre questões importantes.

Cerâmicos de Sacavém

Prossegue a greve destes operários.

SACAVÉM, 11.—C.—Com uma firmeza digna de registar, continua mantendo-se a greve dos camaradas cerâmicos de Sacavém, apesar de todas as ameaças dos industriais.

Os grevistas estão esperançados em que o conflito fique solucionado após a resposta pedida ao sr. ministro do trabalho.

Os camaradas em greve estão algo desgostosos com o facto de alguns descarregadores ferro-viários auxiliarem, em parte, os industriais, levando-lhes dos cais para a fábrica, o material, em virtude de ordens do chefe da estação.

No passado domingo efectuou-se uma reunião de propaganda associativa, na qual usaram da palavra os delegados da Construção Civil, Alexandre Assis, Carlos Vicente, Alberto Neves e Manuel Lacerda, referindo-se também ao movimento grevista.

Para auxiliar os camaradas grevistas foram tiradas várias quetes, tendo um rendimento 1570 e havendo alguns camaradas que, para o mesmo fim, contribuíram com a quantia de 3520, além do grupo de solidariedade de Sacavém com 10500.

Foi assassinado de Sidónio Pais

O assente remetido ao 2.º Juízo de instrução criminal, escreveu Pereira, o relatório da autópsia do dr. Sidónio Pais, cujas conclusões ontem publicamos.

Funcionários públicos

Reclamando melhoria de situação

Os delegados das duas associações de classe dos empregados do Estado procuraram ontem o presidente do ministério, a fim de saberem o que está resolvido acerca dos pedidos que recentemente apresentaram de melhoria de vencimentos. Como o dr. Domingos Pereira os não pudessem receber, marcou-lhes audiência para hoje, às 15 horas.

Amanhã, pelas 21 horas realiza-se na Associação dos Empregados do Estado, junto ao Arco da rua Augusta, a assembleia magna dos associados das duas colectividades, para os delegados transmitirem a resolução do governo sobre o assunto.

Associação Mista de Sacavém e Arredores

SACAVÉM, 10.—C.—A comissão organizadora deste sindicato, realiza hoje, domingo, pelas 16 horas, uma sessão de propaganda para a qual convidou a U. O. N., U. S. O. de Lisboa e Federação da C. C. do Sul a enviar delegados para fazerem uso da palavra.

Que os operários cumpram o seu dever comparecendo à sessão.

FACTOS DIVERSOS

João Santos, o Santos Maluco, que durante a greve da Carris a procurou furar, tendo andado a guiar carros, veio a esta oficina declarar que não saiu da Companhia Carris de Ferro com gatinho, mas sim voluntariamente.

Jornada de 8 horas

Industriais de conservas.

Uma comissão delegada de várias associações industriais do país, entre as quais as de Vila Real de Santo António, Olhão, Lagos, etc., procurou ontem o presidente do ministério, cuja intervenção pediu no sentido de que pela regulamentação a publicar sobre o horário de trabalho, sejam salvados os interesses da indústria de conservas. Os industriais acatam o princípio das 8 horas como base do salário, mas desejam que se permita o acordo entre patrões e operários, para o prolongamento do trabalho pelo tempo que se tornar necessário.

Congresso de Hidrologia e Climatologia

Reuniu a comissão organizadora de representação portuguesa no Congresso de Hidrologia e Climatologia que vai reunir em Monaco e no qual se fazem representar todos os países aliados. A comissão resolveu no sentido de que o nosso país não deixe de se representar, iniciando trabalhos para a organização de um índice descritivo e científico das nascentes de águas minerais portuguesas, sua aplicação, etc., para o que vai enviar uma circular a todos os concessionários.

Em liberdade

Foi ontem libertado o camarada Diogo Homênio Junior, que, tendo ido ao governo civil pedir a liberdade de alguns filiados da Juventude Sindicalista, foi detido arbitrariamente e sem nenhum fundamento, pelo adjunto da polícia de Segurança do Estado.

Também foi ontem restituído à liberdade o camarada Joaquim António, que, acusado de boicote, se encontrava detido a bordo do *Almirante Reis*.

ULTIMAS NOVIAS

Perante a Paz A Sociedade das Nações

A atitude da Alemanha

O governo central lembra ao povo alemão a defesa ante o Tratado da Paz

PARIS, 9.—Dizem de Berlim que um apelo ao povo o presidente e o governo lembram a dureza das condições do armistício que o povo alemão observou lamente; em seguida, falando das condições da paz, diz que elas não são suportáveis e são inexequíveis, apesar de todo o esforço. Declara que o fim desta paz de violência é a morte do povo alemão, a entrega do proletariado e da capitalização ao estrangeiro. O governo declara que, exprimindo a firme vontade do povo, pedirá uma paz de direito, sobre a base da Liga das nações, duradoura e que empenhará todas as suas forças para obter para o povo alemão a unidade nacional e a independência e a liberdade do trabalho que os aliados dão a todos os povos menos ao povo alemão. O governo e o presidente terminam por fazer um apelo à união da Alemanha sem distinção de partidos, para salvaguarda do povo alemão e da liberdade. Toda a vontade da nação deve pertencer ao trabalho para a reconstrução da pátria na continuação recíproca e na fé da vitória da razão e do direito. —H.

Segundo Scheidmann, as condições do tratado representam a condenação à morte da Alemanha

BERNE, 9.—Discursando perante a comissão da paz, no dia 8 do corrente Scheidmann pôs em relevo a contradição existente entre os princípios de Wilson e os preliminares da paz e disse que as condições do tratado são a condenação à morte numa data mais ou menos afastada. O governo espera chegar a um resultado satisfatório, não mercadejando, mas sim por meio de negociações e das necessárias instruções aos delegados de Versailes para apresentarem em devido tempo contra-propostas, reclamando a discussão em Versailes. Depois de um acordo, todos os chefes de partido e as diferentes fracções aprovaram o que o governo dissera e a sua intenção de estabelecer por meio de negociações uma paz suportável. A assembleia nacional foi convocada para o dia 12 do corrente em Berlim. —H.

Partem para Berlim jornalistas alemães — Irão levantar uma campanha contra o tratado?

VERSAILLES, 9.—Os delegados alemães estiveram em conferência ontem até à meia noite. Seis membros da missão alemã partiram ontem para Berlim e entre eles Lotthring, da *Neue Berliner Zeitung*, Stamper, do *Vorwaerts* e Cahen, secretário de Brockdorff e que foi correspondente da *Gazeta de Frankfurt* em Copenhague. Julga-se que estes jornalistas partiram com a missão de fazer uma campanha pela imprensa. Por outro lado, chegaram esta manhã a Versailes mais 8 alemães. Confirmam-se que a missão austríaca chegará no dia 12 do corrente. —H.

Importação de álcool

O director do comércio agrícola deu parecer contrário à importação de um milhão de litros de álcool que a firma Ferraz Amorim de Lisboa pretendia importar. O ministro da agricultura concordou com o parecer.

NA MORGUE

Da casa mortuária do hospital de S. José foi removido para a Morgue, a fim de se autopsiar, o cadáver de José da Costa, filho de S. José, da rua de S. Carlos que, como noticiámos, foi agredido e estorpi por três desconhecidos, vindo a morrer na enfermaria 4 (Santo Antonio).

Um cego em bolandas

Manuel Francisco, de 25 anos, calçada a Tojal, 27, foi preso por andar a mendigar sendo entregue à inspecção da polícia administrativa, que por sua vez o enviou com um ofício, à Assistência Pública, para mandarem-no para o governo civil, e como as causas de beneficência não estão dependentes do governo civil, reclamaram o pobre cego para a Assistência Pública. Fecio como este, que a direcção da Assistência Pública devia tomar em devida conta o teor do seu pedido, que bastante é para lhe mentar.

Emissores de notas por conta própria

E' descoberta uma fábrica de notas falsas para Portugal, Espanha, Itália e França, em Ba Celona

O agente Correa, da 1.ª secção, a cargo do chefe Sermiento, regressou do norte, onde foi em continuação das diligências com respeito ao fabrico e passagem de notas falsas do Banco de Portugal e cédulas da Casa de Moeda, indo aquele banco dar conta à direcção num relatório circunstanciado das diligências por ele efectuadas.

Segundo nos consta, o referido agente, depois de ter descoberto duas fábricas de notas falsas e de ter prendido sete dos seus fabricantes, e passados os notas falsas que foram entregues à justiça, continuou nas suas investigações, indo a Barcelona, conseguindo apurar que ali se falsificavam as grandes e pequenas notas falsas do Banco de Portugal, Itália, França e Espanha, que depois eram vendidas por preços baixos a mercaderes pasaduros.

O agente Correa conseguiu também descobrir outros factos importantes sobre estas diligências por ter recebido ordem de regressar a Lisboa.

Ridentes de trabalho

Tomé Joaquim, pedreiro, de 10 anos, residente na rua Formosa, 3, hoje, tendo sido encontrado na rua de S. Antonio, sobre um andame, na altura de 5 metros, foi levado para o hospital de S. Antonio, onde foi encerrado Joaquim Dias Faria, o dele, e bebendo no solo fez uma grande fumaça na cabeça. Conduzido ao hospital de S. José, acompanhado pelo chefe de polícia e pelo tenente Fernando dos Santos, foi levado ao Banco pelos drs. Alentejo e de S. Carlos e S. Bernardino, recolhendo a hoje à enfermaria 4 (Santo Antonio).

O dia de 8 horas em Itália

ROMA, 12.—Um decreto ministerial concede aos ferroviários o dia de 8 horas e o descanso semanal.

O Tratado de Paz

Os restantes e os que estiverem em construção, não de ser desfeitos pela Alemanha dentro de três meses. O material proveniente da demolição de casas de guerra alemãs não poderá ser empregado senão para fins industriais, e não poderá ser vendido a países estrangeiros, excepto debaixo de condições especificadas para a restituição.

A Alemanha é proibida de construir ou adquirir navios de guerra, e a construção ou aquisição de quaisquer navios alemães, sejam quais forem, é proibida. Os navios de guerra deverão ter apenas uma quantidade de armas, munições e material de guerra, e os armamentos não poderão ser entregues, e nem depósitos ou reservas são permitidos.

O pessoal da marinha de guerra alemã tem de ser recrutado inteiramente por contratos voluntários, do prazo mínimo de cinco e cinco anos consecutivos, para oficiais e suboficiais, e de dois anos para marinheiros e marinhas. Os marinheiros e marinhas, sujeitos a várias restrições. A fim de assegurar a livre entrada no Báltico, a Alemanha deve construir fortificações aéreas e submarinas em certas áreas especificadas, não instalar peças algumas dominando vias marítimas entre o mar do Norte e o Báltico. As fortificações existentes, exceto as de armaria, deverão ser demolidas e as peças removidas.

Outras obras fortificadas dentro de cinco quilômetros da costa germânica ou em linhas germânicas tem de ficar como sendo de natureza defensiva; mas fortificações novas algumas poderão ser construídas e os armamentos não poderão ser aumentados.

O máximo fornecimento de munições permitido para essas defesas, será de 1.000 tiros por peça de 41 polegadas de calibre e daí para baixo, e 300 tiros por peça para as que excederem aquele calibre.

As estações alemãs de telegrafia sem fio, em Nauen, Hanover e Berlim, não deverão ser empregadas para despachos navais, militares ou políticos, sem o consentimento dos governos aliados. As estações de telegrafia sem fio, apenas para fins comerciais, deverão ser supervisionadas. Durante o mesmo prazo a Alemanha não deverá emitir mais estações de telegrafia sem fio de elevada potência. A Alemanha terá permissão para reparar cabos submarinos alemães que tenham sido cortados, mas que não existam dentro de milhas de cabos que, depois de terem sido cortados, tenham sido removidos ou que, pelo menos, não estejam sob a jurisdição da Alemanha. As potências aliadas e associadas.

Em casos tais, cabos ou porções de cabos removidos ou utilizados, ficam sendo propriedade da Alemanha, e a Alemanha, se, nesta conformidade, quatorze cabos ou partes de cabos são especificados, que não serão restituídos à Alemanha.

O ar

As cláusulas do ar preveem que as forças armadas da Alemanha não deverão incluir forças aéreas, militares ou civis. Contudo, permitiu-se à Alemanha que mantenha o máximo de cem hidroplanos, não armados, até ao primeiro de Janeiro de 1920, e que, depois disso, exclusivamente, na busca de minas submarinas. Todo o pessoal das forças aéreas na Alemanha tem de ser desmobilizado dentro de três meses, com excepção dos cem hidroplanos já especificados.

Geral

As cláusulas gerais preveem sobre a manutenção da legislação alemã, para se conformar com as cláusulas que antecedem. Todas as cláusulas que o tratado contém não de ser cumpridas pela Alemanha, e a Alemanha não poderá alegar que o tratado não de ser cumprido nomeadamente pelos governos aliados e associados, para as quais o governo alemão tem obrigação de cumprir. A Alemanha não poderá alegar que o tratado não de ser cumprido nomeadamente pelos governos aliados e associados, para as quais o governo alemão tem obrigação de cumprir. A Alemanha não poderá alegar que o tratado não de ser cumprido nomeadamente pelos governos aliados e associados, para as quais o governo alemão tem obrigação de cumprir.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Seção Seção. — Responsabilidade pelos Cris de Guerra. — Os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra, e os aliados assumem a responsabilidade por todos os crimes de guerra.

Journal du Public

Uma lição

Emfim, foi solucionado o conflito do pessoal da Companhia Carris de Ferro, tendo o pessoal retomado o trabalho de cabeça erguida, sem uma defecção no seu movimento, e despeito dos esforços empregados pela Companhia e pelo governo para furar a greve, não duvidando entregar a vida e segurança, não só dos passageiros como também dos transeuntes, nas mãos de crianças inábeis e algumas até parecendo que há pouco tempo abandonaram os seios das suas mães.

A atitude correcta, ordeira e enérgica destes camaradas muito ensinam-nos a aproveitar, pois é para admirar a forte coesão que se uniu, mantendo-se de braços cruzados perante as imposições da Companhia e vendo os carros em circulação, o que seria para desanimar. Mas não. Tal desânimo não se deu. Aqueles nossos camaradas maniveram sempre a sua união, não se prestando um só ao triste papel de *amarelo*, excepção feita a alguns revisores e expedientes que andaram ensinando as crianças a tripular os carros.

Mas esta excepção não admira, porque, aqueles que assim procederam, julgamos, talvez, burgueses e não trabalhadores, ou então fizeram-no como intuito de alcançarem algum lugar mais chorudo, ou ainda por serem pobres de espírito.

Uma outra lição nos facultou esta greve. É a atitude dumha parte da fração da *brisa Académica* que, num triste papel se prestou, uma parte por incompetência, outra por vaidade, simplesmente para se pavonear de ter prestado grandes e assinalados serviços à pátria e outros, parte ainda por interesse, porque, não têm meios suficientes para exames ou tendo receio de ser reprovada, aproveitou a ocasião para, alegando o serviço prestado, lhe serem facilitados os exames e as respectivas colocações, depois de concluído o curso, pois demonstraram serem patriotas e republicanos, acérrimos defensores do regime.

Será esta, ainda, a Academia do tempo da greve de Coimbra? Não. Nesse tempo havia união entre si, respeito mútuo, o que originava uma magnífica camaradagem e, sobretudo, não se ia trometando na *regada política*, que é hoje o maior vício que assola o país.

O operariado que atente na atitude daqueles estudantes, com os quais se torna incompatível e que se previna para o futuro. Que se una como um só homem, expulsando do seu seio os elementos daninhos que ali se acotem, e cruzando os braços nas ocasiões oportunas, e não se deixe sempre os seus conflitos, desde que, ponderadamente, estude as suas reclamações, as quais, de modo algum, devem ser exageradas, mas sim justas e equitativas, comportando-se durante os movimentos grevistas com toda a cordura e serenidade, comportando-se cada qual dos seus direitos e deveres, segundo o nobre exemplo dos nossos camaradas da Carris. — Rogério Frade.

Situação irregular

Escreve-nos Salvador Gaspar, ex-político, a seguir a n.º 3 da sua queixa por não ter recebido o respectivo subsídio, visto não ter ainda tido alta pelo medico, visto esse subsídio suprimido e foi obrigado a trabalhar só com uma mão; além disso, quando pediu a abolição das empreitadas, negaram-lhe os 40 %, que todos recebem, desumandamente e injustamente!

"A BATALHA" na provincia

VENDAS NOVAS, 11

A solidariedade dos corretores — Uma injustiça

Em assembleia geral dos operários corticeiros, resolveu-se que cada homem contasse com 20 e cada mulher com 10, a fim de se socorrerem as camaradas a quem os pequenos industriais negam trabalho por motivo do pedido de 40 % de aumento nos salários.

A casa Borregos, irmãos, que à greve responderam concedendo os 40 %, e a jornada de 8 horas, está actualmente exercendo relações injustificáveis: O operário Joaquim Borrego, há tempo ferido numa das mãos por acidente no trabalho e que estava recebendo o respectivo subsídio, visto não ter ainda tido alta pelo medico, visto esse subsídio suprimido e foi obrigado a trabalhar só com uma mão; além disso, quando pediu a abolição das empreitadas, negaram-lhe os 40 %, que todos recebem, desumandamente e injustamente!

Horário de trabalho — Salário mínimo

12 — Com extraordinária concorrencia renuiu a Associação dos Operários da Trindade Civil no passado domingo a fim de se pronunciar sobre o parecer relativo ao aumento de salário e horário de trabalho. Os corpos de outros grupos de trabalhadores e de trabalhadores, em face do regime das 8 horas de trabalho, que a entrada nas oficinas seja às 8 horas e a saída às 17, 30, tendo saluado o estímo de entusiasmo.

Em seguida resolveu a assembleia exercer a maior vigilância para que o horário seja rigorosamente cumprido, e também para a abolição das empreitadas da seguinte tabela de salários mínimos para todos os operários 12.000 semais.

Queda fatal

Morte de um menor de 5 anos

Amílcar Carvalho, de 7 anos, filho de Francisco de Carvalho e de Elyria da Conceição, residente na rua Particular, 5, 1.º andar, caiu de uma das janelas da casa, vindo a morrer na rua, vítima de uma queda fatal.

Segundo os informarmos, evitar incêndios

Indignados, aqueles camaradas, por constituir a permanência da tropa na obra uma afronta à sua dignidade, recusaram-se a pagar, no trabalho, e dirigiram-se ao sr. Melo Gerales, director do Museu, para, perante este senhor, protestar contra o facto. Como não o encontrassem, falaram com o chefe de secção, sr. Máximo; a quem expuseram o caso e manifestaram o seu descontentamento. Este senhor, pretendendo a princípio justificar a presença da tropa, acabou depois por concordar com as razões expostas e prometeu providenciar.

António sabia de tudo isso; e se vinha só, alla noite, pela estrada, era ainda porque se tinham lembrado do seu velho hábito de aproveitar o tempo de luar para viagens e passios, afim de meditar e de inspirar-se ao contacto da natureza. Assim é que lhe tinham mandado apenas o cavalo preferido, não lhe haviam deixado um pagem, nem sequer um pagem de recepção a quem o seu espírito era contrário, como de resto era a todas as coisas convencionais, e todos os actos de ostentação e formalidade. Por cartas dele saíam-nos longas e noturnas estranheiras no Rio, cuja vida luxuosa e corteiz lhe tinha agradado a ele, homem rude, amante da natureza e do campo, inimigo das vaidades pomposas das grandes cidades, onde — dizia ao lado da população rica — da gente abastada, encontra-se a vida miserável das oficinas, das fábricas e das famílias que morrejam no trabalho, habitando casebres imundos, infelizes, sem ar, sem conforto de espécie alguma.

— Estou horrorizado, escrevia ele, com a vida que aqui levam centenas de pessoas que trabalham de sol a sol, e muitas vezes ainda durante a noite; para comer um pedaço de pão, morar numa estalagem, e vestir-se de farrapos. Quando aí estava dóla-me ver imensidades de terras sem cultura, porque seus donos não precisam delas para viver, quando há tanta gente que

deseja trabalhar e que não tem terras, nem capitais, nem instrumentos de lavoura. E vocês sabem como se evita essa desigualdade, ali, nos nossos minguados domínios, onde vivemos mais com almas com as nossas famílias, sem riquezas — é verdade — mas tendo o nosso sustento de carne, farrinha e legumes para todos, e os nossos filhos aciadados, vestidos decentemente, aprendendo na nossa escola. Nem nos matamos no trabalho, nem vivemos a trabalhar pelas ruas e estradas: o trabalho para nós ali é uma alegria e um compensador emprego da nossa actividade. Pois bem, meus amigos! A pobreza daqui não é a pobreza de lá, é a miséria, é a fome, mesmo, para os que desejam trabalhar, mesmo para os que encontram trabalho. Vocês estarão lembrados daquele livro que lhes li a todos e de que tanto gostaram, *A Conquista do Pão*, de Krápótkine. Lembrem-se com certeza de que lhes dizia que era necessário trabalhar desde logo para que no Brasil não viesse a haver a mesma miséria que há pelo mundo em fora. Quando, noite de natal do ano passado, conversando connosco sobre esse livro que ele também lera, o dr. Francisco Pereira disse que o tinha achado muito bom, mas que no Brasil não se devia cogitar ainda de socialismo, deviam estar lembrados das palavras com que lhe retorquir: "No Brasil há a mesma desigualdade entre os homens, há os que tem terras e os que não as tem, sendo estes ali os que nelas vivem, sabem e precisam trabalhar."

António sabia de tudo isso; e se vinha só, alla noite, pela estrada, era ainda porque se tinham lembrado do seu velho hábito de aproveitar o tempo de luar para viagens e passios, afim de meditar e de inspirar-se ao contacto da natureza. Assim é que lhe tinham mandado apenas o cavalo preferido, não lhe haviam deixado um pagem, nem sequer um pagem de recepção a quem o seu espírito era contrário, como de resto era a todas as coisas convencionais, e todos os actos de ostentação e formalidade. Por cartas dele saíam-nos longas e noturnas estranheiras no Rio, cuja vida luxuosa e corteiz lhe tinha agradado a ele, homem rude, amante da natureza e do campo, inimigo das vaidades pomposas das grandes cidades, onde — dizia ao lado da população rica — da gente abastada, encontra-se a vida miserável das oficinas, das fábricas e das famílias que morrejam no trabalho, habitando casebres imundos, infelizes, sem ar, sem conforto de espécie alguma.

— Estou horrorizado, escrevia ele, com a vida que aqui levam centenas de pessoas que trabalham de sol a sol, e muitas vezes ainda durante a noite; para comer um pedaço de pão, morar numa estalagem, e vestir-se de farrapos. Quando aí estava dóla-me ver imensidades de terras sem cultura, porque seus donos não precisam delas para viver, quando há tanta gente que

deseja trabalhar e que não tem terras, nem capitais, nem instrumentos de lavoura. E vocês sabem como se evita essa desigualdade, ali, nos nossos minguados domínios, onde vivemos mais com almas com as nossas famílias, sem riquezas — é verdade — mas tendo o nosso sustento de carne, farrinha e legumes para todos, e os nossos filhos aciadados, vestidos decentemente, aprendendo na nossa escola. Nem nos matamos no trabalho, nem vivemos a trabalhar pelas ruas e estradas: o trabalho para nós ali é uma alegria e um compensador emprego da nossa actividade. Pois bem, meus amigos! A pobreza daqui não é a pobreza de lá, é a miséria, é a fome, mesmo, para os que desejam trabalhar, mesmo para os que encontram trabalho. Vocês estarão lembrados daquele livro que lhes li a todos e de que tanto gostaram, *A Conquista do Pão*, de Krápótkine. Lembrem-se com certeza de que lhes dizia que era necessário trabalhar desde logo para que no Brasil não viesse a haver a mesma miséria que há pelo mundo em fora. Quando, noite de natal do ano passado, conversando connosco sobre esse livro que ele também lera, o dr. Francisco Pereira disse que o tinha achado muito bom, mas que no Brasil não se devia cogitar ainda de socialismo, deviam estar lembrados das palavras com que lhe retorquir: "No Brasil há a mesma desigualdade entre os homens, há os que tem terras e os que não as tem, sendo estes ali os que nelas vivem, sabem e precisam trabalhar."

António sabia de tudo isso; e se vinha só, alla noite, pela estrada, era ainda porque se tinham lembrado do seu velho hábito de aproveitar o tempo de luar para viagens e passios, afim de meditar e de inspirar-se ao contacto da natureza. Assim é que lhe tinham mandado apenas o cavalo preferido, não lhe haviam deixado um pagem, nem sequer um pagem de recepção a quem o seu espírito era contrário, como de resto era a todas as coisas convencionais, e todos os actos de ostentação e formalidade. Por cartas dele saíam-nos longas e noturnas estranheiras no Rio, cuja vida luxuosa e corteiz lhe tinha agradado a ele, homem rude, amante da natureza e do campo, inimigo das vaidades pomposas das grandes cidades, onde — dizia ao lado da população rica — da gente abastada, encontra-se a vida miserável das oficinas, das fábricas e das famílias que morrejam no trabalho, habitando casebres imundos, infelizes, sem ar, sem conforto de espécie alguma.

— Estou horrorizado, escrevia ele, com a vida que aqui levam centenas de pessoas que trabalham de sol a sol, e muitas vezes ainda durante a noite; para comer um pedaço de pão, morar numa estalagem, e vestir-se de farrapos. Quando aí estava dóla-me ver imensidades de terras sem cultura, porque seus donos não precisam delas para viver, quando há tanta gente que

deseja trabalhar e que não tem terras, nem capitais, nem instrumentos de lavoura. E vocês sabem como se evita essa desigualdade, ali, nos nossos minguados domínios, onde vivemos mais com almas com as nossas famílias, sem riquezas — é verdade — mas tendo o nosso sustento de carne, farrinha e legumes para todos, e os nossos filhos aciadados, vestidos decentemente, aprendendo na nossa escola. Nem nos matamos no trabalho, nem vivemos a trabalhar pelas ruas e estradas: o trabalho para nós ali é uma alegria e um compensador emprego da nossa actividade. Pois bem, meus amigos! A pobreza daqui não é a pobreza de lá, é a miséria, é a fome, mesmo, para os que desejam trabalhar, mesmo para os que encontram trabalho. Vocês estarão lembrados daquele livro que lhes li a todos e de que tanto gostaram, *A Conquista do Pão*, de Krápótkine. Lembrem-se com certeza de que lhes dizia que era necessário trabalhar desde logo para que no Brasil não viesse a haver a mesma miséria que há pelo mundo em fora. Quando, noite de natal do ano passado, conversando connosco sobre esse livro que ele também lera, o dr. Francisco Pereira disse que o tinha achado muito bom, mas que no Brasil não se devia cogitar ainda de socialismo, deviam estar lembrados das palavras com que lhe retorquir: "No Brasil há a mesma desigualdade entre os homens, há os que tem terras e os que não as tem, sendo estes ali os que nelas vivem, sabem e precisam trabalhar."

António sabia de tudo isso; e se vinha só, alla noite, pela estrada, era ainda porque se tinham lembrado do seu velho hábito de aproveitar o tempo de luar para viagens e passios, afim de meditar e de inspirar-se ao contacto da natureza. Assim é que lhe tinham mandado apenas o cavalo preferido, não lhe haviam deixado um pagem, nem sequer um pagem de recepção a quem o seu espírito era contrário, como de resto era a todas as coisas convencionais, e todos os actos de ostentação e formalidade. Por cartas dele saíam-nos longas e noturnas estranheiras no Rio, cuja vida luxuosa e corteiz lhe tinha agradado a ele, homem rude, amante da natureza e do campo, inimigo das vaidades pomposas das grandes cidades, onde — dizia ao lado da população rica — da gente abastada, encontra-se a vida miserável das oficinas, das fábricas e das famílias que morrejam no trabalho, habitando casebres imundos, infelizes, sem ar, sem conforto de espécie alguma.

— Estou horrorizado, escrevia ele, com a vida que aqui levam centenas de pessoas que trabalham de sol a sol, e muitas vezes ainda durante a noite; para comer um pedaço de pão, morar numa estalagem, e vestir-se de farrapos. Quando aí estava dóla-me ver imensidades de terras sem cultura, porque seus donos não precisam delas para viver, quando há tanta gente que

deseja trabalhar e que não tem terras, nem capitais, nem instrumentos de lavoura. E vocês sabem como se evita essa desigualdade, ali, nos nossos minguados domínios, onde vivemos mais com almas com as nossas famílias, sem riquezas — é verdade — mas tendo o nosso sustento de carne, farrinha e legumes para todos, e os nossos filhos aciadados, vestidos decentemente, aprendendo na nossa escola. Nem nos matamos no trabalho, nem vivemos a trabalhar pelas ruas e estradas: o trabalho para nós ali é uma alegria e um compensador emprego da nossa actividade. Pois bem, meus amigos! A pobreza daqui não é a pobreza de lá, é a miséria, é a fome, mesmo, para os que desejam trabalhar, mesmo para os que encontram trabalho. Vocês estarão lembrados daquele livro que lhes li a todos e de que tanto gostaram, *A Conquista do Pão*, de Krápótkine. Lembrem-se com certeza de que lhes dizia que era necessário trabalhar desde logo para que no Brasil não viesse a haver a mesma miséria que há pelo mundo em fora. Quando, noite de natal do ano passado, conversando connosco sobre esse livro que ele também lera, o dr. Francisco Pereira disse que o tinha achado muito bom, mas que no Brasil não se devia cogitar ainda de socialismo, deviam estar lembrados das palavras com que lhe retorquir: "No Brasil há a mesma desigualdade entre os homens, há os que tem terras e os que não as tem, sendo estes ali os que nelas vivem, sabem e precisam trabalhar."

António sabia de tudo isso; e se vinha só, alla noite, pela estrada, era ainda porque se tinham lembrado do seu velho hábito de aproveitar o tempo de luar para viagens e passios, afim de meditar e de inspirar-se ao contacto da natureza. Assim é que lhe tinham mandado apenas o cavalo preferido, não lhe haviam deixado um pagem, nem sequer um pagem de recepção a quem o seu espírito era contrário, como de resto era a todas as coisas convencionais, e todos os actos de ostentação e formalidade. Por cartas dele saíam-nos longas e noturnas estranheiras no Rio, cuja vida luxuosa e corteiz lhe tinha agradado a ele, homem rude, amante da natureza e do campo, inimigo das vaidades pomposas das grandes cidades, onde — dizia ao lado da população rica — da gente abastada, encontra-se a vida miserável das oficinas, das fábricas e das famílias que morrejam no trabalho, habitando casebres imundos, infelizes, sem ar, sem conforto de espécie alguma.

— Estou horrorizado, escrevia ele, com a vida que aqui levam centenas de pessoas que trabalham de sol a sol, e muitas vezes ainda durante a noite; para comer um pedaço de pão, morar numa estalagem, e vestir-se de farrapos. Quando aí estava dóla-me ver imensidades de terras sem cultura, porque seus donos não precisam delas para viver, quando há tanta gente que

deseja trabalhar e que não tem terras, nem capitais, nem instrumentos de lavoura. E vocês sabem como se evita essa desigualdade, ali, nos nossos minguados domínios, onde vivemos mais com almas com as nossas famílias, sem riquezas — é verdade — mas tendo o nosso sustento de carne, farrinha e legumes para todos, e os nossos filhos aciadados, vestidos decentemente, aprendendo na nossa escola. Nem nos matamos no trabalho, nem vivemos a trabalhar pelas ruas e estradas: o trabalho para nós ali é uma alegria e um compensador emprego da nossa actividade. Pois bem, meus amigos! A pobreza daqui não é a pobreza de lá, é a miséria, é a fome, mesmo, para os que desejam trabalhar, mesmo para os que encontram trabalho. Vocês estarão lembrados daquele livro que lhes li a todos e de que tanto gostaram, *A Conquista do Pão*, de Krápótkine. Lembrem-se com certeza de que lhes dizia que era necessário trabalhar desde logo para que no Brasil não viesse a haver a mesma miséria que há pelo mundo em fora. Quando, noite de natal do ano passado, conversando connosco sobre esse livro que ele também lera, o dr. Francisco Pereira disse que o tinha achado muito bom, mas que no Brasil não se devia cogitar ainda de socialismo, deviam estar lembrados das palavras com que lhe retorquir: "No Brasil há a mesma desigualdade entre os homens, há os que tem terras e os que não as tem, sendo estes ali os que nelas vivem, sabem e precisam trabalhar."

António sabia de tudo isso; e se vinha só, alla noite, pela estrada, era ainda porque se tinham lembrado do seu velho hábito de aproveitar o tempo de luar para viagens e passios, afim de meditar e de inspirar-se ao contacto da natureza. Assim é que lhe tinham mandado apenas o cavalo preferido, não lhe haviam deixado um pagem, nem sequer um pagem de recepção a quem o seu espírito era contrário, como de resto era a todas as coisas convencionais, e todos os actos de ostentação e formalidade. Por cartas dele saíam-nos longas e noturnas estranheiras no Rio, cuja vida luxuosa e corteiz lhe tinha agradado a ele, homem rude, amante da natureza e do campo, inimigo das vaidades pomposas das grandes cidades, onde — dizia ao lado da população rica — da gente abastada, encontra-se a vida miserável das oficinas, das fábricas e das famílias que morrejam no trabalho, habitando casebres imundos, infelizes, sem ar, sem conforto de espécie alguma.

— Estou horrorizado, escrevia ele, com a vida que aqui levam centenas de pessoas que trabalham de sol a sol, e muitas vezes ainda durante a noite; para comer um pedaço de pão, morar numa estalagem, e vestir-se de farrapos. Quando aí estava dóla-me ver imensidades de terras sem cultura, porque seus donos não precisam delas para viver, quando há tanta gente que

deseja trabalhar e que não tem terras, nem capitais, nem instrumentos de lavoura. E vocês sabem como se evita essa desigualdade, ali, nos nossos minguados domínios, onde vivemos mais com almas com as nossas famílias, sem riquezas — é verdade — mas tendo o nosso sustento de carne, farrinha e legumes para todos, e os nossos filhos aciadados, vestidos decentemente, aprendendo na nossa escola. Nem nos matamos no trabalho, nem vivemos a trabalhar pelas ruas e estradas: o trabalho para nós ali é uma alegria e um compensador emprego da nossa actividade. Pois bem, meus amigos! A pobreza daqui não é a pobreza de lá, é a miséria, é a fome, mesmo, para os que desejam trabalhar, mesmo para os que encontram trabalho. Vocês estarão lembrados daquele livro que lhes li a todos e de que tanto gostaram, *A Conquista do Pão*, de Krápótkine. Lembrem-se com certeza de que lhes dizia que era necessário trabalhar desde logo para que no Brasil não viesse a haver a mesma miséria que há pelo mundo em fora. Quando, noite de natal do ano passado, conversando connosco sobre esse livro que ele também lera, o dr. Francisco Pereira disse que o tinha achado muito bom, mas que no Brasil não se devia cogitar ainda de socialismo, deviam estar lembrados das palavras com que lhe retorquir: "No Brasil há a mesma desigualdade entre os homens, há os que tem terras e os que não as tem, sendo estes ali os que nelas vivem, sabem e precisam trabalhar."

António sabia de tudo isso; e se vinha só, alla noite, pela estrada, era ainda porque se tinham lembrado do seu velho hábito de aproveitar o tempo de luar para viagens e passios, afim de meditar e de inspirar-se ao contacto da natureza. Assim é que lhe tinham mandado apenas o cavalo preferido, não lhe haviam deixado um pagem, nem sequer um pagem de recepção a quem o seu espírito era contrário, como de resto era a todas as coisas convencionais, e todos os actos de ostentação e formalidade. Por cartas dele saíam-nos longas e noturnas estranheiras no Rio, cuja vida luxuosa e corteiz lhe tinha agradado a ele, homem rude, amante da natureza e do campo, inimigo das vaidades pomposas das grandes cidades, onde — dizia ao lado da população rica — da gente abastada, encontra-se a vida miserável das oficinas, das fábricas e das famílias que morrejam no trabalho, habitando casebres imundos, infelizes, sem ar, sem conforto de espécie alguma.

— Estou horrorizado, escrevia ele, com a vida que aqui levam centenas de pessoas que trabalham de sol a sol, e muitas vezes ainda durante a noite; para comer um pedaço de pão, morar numa estalagem, e vestir-se de farrapos. Quando aí estava dóla-me ver imensidades de terras sem cultura, porque seus donos não precisam delas para viver, quando há tanta gente que

deseja trabalhar e que não tem terras, nem capitais, nem instrumentos de lavoura. E vocês sabem como se evita essa desigualdade, ali, nos nossos minguados domínios, onde vivemos mais com almas com as nossas famílias, sem riquezas — é verdade — mas tendo o nosso sustento de carne, farrinha e legumes para todos, e os nossos filhos aciadados, vestidos decentemente, aprendendo na nossa escola. Nem nos matamos no trabalho, nem vivemos a trabalhar pelas ruas e estradas: o trabalho para nós ali é uma alegria e um compensador emprego da nossa actividade. Pois bem, meus amigos! A pobreza daqui não é a pobreza de lá, é a miséria, é a fome, mesmo, para os que desejam trabalhar, mesmo para os que encontram trabalho. Vocês estarão lembrados daquele livro que lhes li a todos e de que tanto gostaram, *A Conquista do Pão*, de Krápótk

Banco Português e Brasileiro

SÉDE
Rua Augusta, 34 — Lisboa
FILIAL
P. Almeida Garrett — Porto

CAPITAL: Esc. 3.500.000\$00
RESERVAS: Esc. 1.405.000\$00

Agentes em todo o país

Depósitos à ordem e a prazo
em moedas portuguesas e estrangeiras

Compra e venda de câmbios

Correspondentes em todas as
principais praças do mundo

Operações bancárias de todos os géneros

Cartas de crédito e circulares sobre todos os países

Ministério DOS Abastecimentos ANÚNCIO

Faz-se público que este Ministério se encontra habilitado a fornecer Massas alimentícias, tipos consumo e luxo, aos preços de \$27 e \$47 por quilo respectivamente, sendo o preço máximo de venda ao público de \$30 e \$50 cada quilo. As requisições dos senhores revendedores, Celeiros Municipais e estabelecimentos militares e de Caridade, Cooperativas, etc., devem ser dirigidas a 1.ª Repartição deste Ministério. Lisboa, 10 de Maio de 1919. O Director Geral

O tenor Romão Gonçalves e o grande Licor Romanini

Grande parte dos cidadãos de Lisboa que tem bebido este excelente licor estão prontos a afirmar que este é um dos melhores do mundo. Estomago, tendo um aroma que se conserva na boca durante algumas horas, sendo também palatável. O tenor Romão, estando doente, bebeu 3 copos de licor e no dia seguinte estava completamente bem para cantar. É indispensável a cantores, actores, oradores e fumadores.

Fábrica de destilação a vapor ALGÉS

Escritório para pedidos: Rua 1.ª de Dezembro, 31, 3.ª, Frente

Cura das feridas

Seja qual for a causa ou a qualidade delas. O seu melhor remédio é a «Pomada Sanatosa». O único remédio que logo às primeiras vezes que se aplica tira-lhes as inflamações, as dores e a seguir fecha as feridas e seca-as para sempre. Caixa 600 e 300 réis. Pedidos a Calado & C. — Largo do Corpo Santo, 30 e 22 — Lisboa.

CALÇADO BARATO

Só vende o **CANDEIAS**

INTENDENTE (defronte do Chafariz e na sua sucursal) Rua do Rato, 34 e 35



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e de uma solidez capaz de resistir a todos os vãos.

CHAPELARIA LUZITANA

Rua Arco Marquês do Alegrete, 45-51

LHAU MASC ARAUJO

Enfermeiro e massagista. Vai aos domicílios. Certeza e rapidez de diagnóstico. Abatimento de 25 por cento em todos os tratamentos aos obsequiosos de A Batalha.

OURO

Mais barato e só pelo peso

NÃO SE PAGA FEITIO

Cordões, Cadeias, Brincos, Travessões, Alfinetes para gravata e mais artigos que se vendem pelo peso.

Vende só

Ouvresaria do Barateiro Pimenta

RUA DA PALMA, 2

CORREIAS

Inglezas de couro, balata, pelo de camelo, etc., da acreditada fabrica de

John Tullis & Son Ltd. (Glasgow)

(FUNDADA EM 1854) Representantes exclusivos e depositários

COSTA & RIBEIRO, LTD. LISBOA R. Vasco da Gama, 58

Porto Largo dos Loios, 59

CHÁS

CEILÃO (Preto fino, quilo esc. \$400)

Verde fino, quilo esc. \$500

Hysson, de esc. \$600 a esc. \$800

PEROLA de esc. \$700 e esc. \$800

JERÓNIMO MARTINS & FILHO

RUA GARRETT, 13 a 23

Pechinchas

Para os revendedores de calçado

Variado sortido

Travessa dos Remolares, 30, 1.º

Optimo café

Torrado ou moído

LOTE ESPECIAL DA NOSSA CASA

Quilo 1\$20

Rua Garrett, 13 a 23

Jerónimo Martins & Filho

COLLARES

Viuva Gomes,

TELEF. — 1644-C

Rua Nova da Trindade, 90

Chá Olong Formosa

(Finíssimo)

QUILO 7\$00

Descontos aos revendedores

Este chá tem a particularidade de se adoçar com pouco açúcar.

JERÓNIMO MARTINS & FILHO

Rua Garrett, 13 a 23

COMPANHIA DE SEGUROS Comércio e Indústria

Fundada em 1907

Capital nominal, 500.000 Esc. — Capital realizado e fundos de reservas 550.000 Esc.

Sede em Lisboa: Rua do Arco do Bandeira, 22

Seguros de Incêndio, Agrícolas, Transportes terrestres e marítimos, Cristais e Valores pelo correio

DELEGAÇÕES — Porto, Braga, Coimbra, Faro, Guimarães, Santarém e Torres Vedras

AGENCIA GERAL EM ESPANHA — BARCELONA

Correspondentes no estrangeiro e em todas as terras do continente, ilhas e ultramar

TELEFONES — Administração, 3312 — Expediente, 1982

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Éditos de 30 dias

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 10 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da comissão executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 25 de Abril de 1919. — O Presidente da Comissão Executiva, Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

"Estoril" Termas

Abertura a 10 de Maio

Agua hipersalina, cloretada, sódica, bicarbonatada, sulfatada, magnésica calcica.

Agua do mar — Agua radioactiva, hidroterapia — Massoterapia — Electroterapia — Banhos de bolhas de ar (carbogásio).

Tratamento das doenças do tracto gastro-intestinal: das fessas nasais, faringite e laringite; artrismo nas suas diversas formas e muito particularmente no reumatismo gástrico e sciático; dermatoses secas e algumas húmidas; doenças do fígado e anexos; manifestações ganglionares e cutâneas do linfatisimo, doenças do aparelho circulatório, etc.

Banhos de limpeza — Manicure — Pedicure — Coiffeur

Director: dr. Oliveira Lages; sub-directores: dr. José J. de Almeida e dr. Artur Moreira.

Memorandários

USEM A Adrenalina e son

dirão alívios imediatos.

Pharmacia Oliveira, 238

Rua de 21 de Maio, 240

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 5 de Maio de 1919. — O Vice-Presidente da Comissão Executiva, Barros de Queiroz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Sede: Estação do Rocio-Lisboa

ÉDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm éditos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente José Dionísio Fortunato Leitão, ex-fator de 1.ª classe da Divisão da Exploração-Movimento à pensão por legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1897, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Tereza Carolina da Costa Ramos Leitão.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.